

Doenças atingem mais de 50 milhões

Dilma, sempre referindo-se ao Brasil como "meu país", disse que 72% das causas não violentas de óbito entre brasileiros com menos de 70 anos são por essas doenças:

— Neste momento, nossa pauta se estrutura em função das pessoas que sofrem de doenças como hipertensão, diabetes, câncer e doenças respiratórias.

O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, que também estava em Nova York, disse que o governo não está defendendo a quebra generalizada de patentes, mas só quando necessário para o tratamento das doenças crônicas não transmissíveis. Ele afirmou ainda que está ultrapassada a visão de que a flexibilidade se aplica apenas para medicamentos contra a Aids:

— Não é quebra de patentes, neste momento, generalizada. Mas usar essa visão de que a flexibilização é só para doenças infecto-contagiosas é uma visão absolutamente ultrapassada. Que os países possam lançar mão quando for necessário.

Padilha argumentou que a realização do debate pela ONU justamente sobre as doenças não transmissíveis mostra que há um desejo dos países de se mudar a atual prática. Ele lembrou que os EUA já fizeram isso na produção do Tamiflu contra a Influenza.

Para o ministro, a simples discussão da flexibilização das regras levará à redução de preços dos medicamentos. Ele disse que essa é a política que o governo brasileiro continuará adotando. Padilha disse que mais de 50 milhões de pessoas têm problemas de DNTs e que não é possível que interesses privados se sobreponham à questão de Saúde.

Em sua exposição, Dilma citou as ações de combate ao câncer na mulher, em especial ao de mama e colo do útero, sem citar o câncer que enfrentou:

— Estamos facilitando o acesso aos exames preventivos, melhorando a qualidade das mamografias e ampliando o tratamento para as vítimas do câncer.

Em seu segundo discurso na ONU ontem, Dilma disse que as mulheres são as mais afetadas pela pobreza e pela crise internacional. Ao falar de sua eleição, disse que a participação de mulheres é pequena na política brasileira, mas ressaltou que, em seu governo, dez mulheres são ministras e integram o núcleo de governo.

— São as próprias mulheres, que tanto sofrem com a pobreza, as principais aliadas das políticas voltadas para sua superação. A crise econômica e as respostas equivocadas a ela podem agravar esse cenário, intensificando a feminização da pobreza — disse Dilma, acrescentando: — Em meu país, ainda resta muito a ser feito para ampliar a participação política das mulheres. Mas fui eleita a primeira mulher presidenta do Brasil, 121 anos depois da proclamação da República e 78 anos depois da conquista do voto feminino. Somos 52% dos eleitores, mas apenas 10% do Congresso Nacional.

Brasil é contra uso da força em conflito

Dilma disse ainda que as mulheres são contra o uso da força para a resolução dos conflitos. Na diplomacia, o Brasil, tradicionalmente, é contra o uso da força:

— Quem gera a vida não aceita a violência como meio de solução de conflitos. Por isso, devemos engajar-nos na reforma da governança global.

O encontro foi promovido pela ex-presidente chilena Michele Bachelet. Dilma foi muito aplaudida e recebeu um comentário carinhoso da secretária de Estado americana, Hillary Clinton, que perdeu para Barack Obama a vaga no Partido Democrata para concorrer à Presidência dos EUA:

— Estou feliz porque alguém se tornou presidente — brincou Hillary, provocando risos.